

# A EXPRESSÃO DA MODALIDADE DEÔNTICA E EPISTÊMICA NA FALA E NA ESCRITA E O PADRÃO SV\*

## *THE EXPRESSION OF DEONTIC AND EPISTEMIC MODALITY IN SPEECH AND WRITING AND THE PATTERN SV*

Maria Eugenia Lammoglia Duarte  
Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq

### RESUMO

Este artigo apresenta uma análise das estratégias mais frequentes para a expressão da modalidade deôntica e epistêmica na fala e na escrita, sob a hipótese de que a preferência recai sobre estruturas que permitam a projeção de um sujeito, evitando-se construções com um expletivo nulo, como aquelas que envolvem um predicador adjetival. Com isso, espero mostrar que as escolhas podem ser vistas como efeitos de um processo de mudança mais amplo por que passa o português brasileiro no que se refere à posição do sujeito e sua representação.

**Palavras-chave:** encaixamento; modalidade deôntica; modalidade epistêmica. posição do sujeito.

### ABSTRACT

This article presents an analysis of the most usual strategies to convey the notions of modality (deontic and epistemic) in speech and writing, under the hypothesis that the preferred forms will be those which allow the projection of a subject; structures with an expletive subject, such as those with adjectival predicates, will tend to be avoided. The results show that the choices can be seen as effects of a larger process of change in course in Brazilian Portuguese related to the subject position and its representation.

**Keywords:** embedding; deontic modality; epistemic modality; subject position.

\* Participou do levantamento dos dados para esta pesquisa Vinícius Correia Gomes (IC-CNPq/Balcão).

## INTRODUÇÃO

A modalidade<sup>1</sup>, do ponto de vista linguístico, é uma categoria que expressa as *atitudes* e *opiniões* do falante, ou seja, traduz as noções de *possibilidade*, *dever*, *obrigação*, *necessidade* etc. De tais noções advém a classificação da modalidade em *deôntica*, relacionada à obrigação e à permissão, e *epistêmica*, relacionada ao conhecimento, à crença e à opinião (e, por extensão, à incerteza e à probabilidade). Seu estudo busca identificar as estruturas morfossintáticas de que o falante se utiliza para traduzir essas noções, o que significa um trabalho complexo, já que a modalidade pode ser expressa por uma grande variedade de formas gramaticais. Este trabalho focaliza três formas de expressão da modalidade: os chamados auxiliares modais (como *poder*, *dever*, *ter que (de)*, entre outros), predicadores verbais (como *cumprir*, *convir*) e predicadores adjetivais (como *possível*, *provável*, *conveniente*, *necessário*). Os exemplos a seguir, extraídos da gramática normativa de Rocha Lima (1997[1957]) e da *Gramática de Usos* de Maria Helena de Moura Neves (2000), ilustram a modalidade **deôntica** em (1) e a **epistêmica** em (2), expressas, respectivamente, através de um auxiliar, um predicador verbal e um predicador adjetival:

- (1) a. Bentinho, amanhã **tenho que romper** as estradas para Piranhas.(MN p.62)  
 b. **Cumpre** que não faltes a essa reunião (adaptado de RL p.265)  
 c. É **obrigatório** ter suco na merenda Montenegro. (MN p.189)
- (2) a. Era professor associado em Bologna e **deveria ter**, como eu, uns 40 anos.(MN p.62)  
 b. **Convém** que não faltes a essa reunião (RL p.265)  
 c. É **provável** que nunca mais nos vejamos nestas terras. (MN p.189)

<sup>1</sup> Estou ciente de que a delimitação do conceito de modalidade é extremamente complexa, dependendo da “concepção lógica (filosófica ou matemática) ou linguística que se escolher” (Oliveira, 2003:245). Este trabalho representa um pequeno recorte das expressões linguísticas mais frequentes – verbos auxiliares e adjetivos - para expressar a modalidade no PB contemporâneo falado e escrito.

## 1. Objetivos e hipóteses de trabalho

Muitos são os trabalhos que investigam as estratégias utilizadas para a expressão da modalidade deôntica e epistêmica, de modo muito particular nos estudos realizados no âmbito da Linguística Textual e da Análise do Discurso. O que distingue esta análise é a tentativa de relacionar a preferência por algumas formas em detrimento de outras a uma mudança mais geral por que passa o português do Brasil: a tendência a evitar sentenças impessoais, seja através do preenchimento da posição de sujeito, isto é, pessoalizando tais sentenças, seja movendo constituintes referenciais para a posição à esquerda de um verbo impessoal ou inserindo um pronome *quasi*-argumental. Para ilustrar o primeiro caso, podemos citar as sentenças impessoais com *ter*<sup>2</sup>, que permitem a ocorrência de um expletivo nulo, como em (3a), mas possibilitam igualmente a anteposição de um locativo, como em (3b) ou uma construção pessoal, seja com um SN locativo, seja com o pronome *você*, com referência arbitrária ou *quasi*-argumental<sup>3</sup>, como em (3c, d) respectivamente:

- (3) a.  $\emptyset_{\text{expl}}$  Não tem mais comércio no centro da cidade.  
 b. **No centro da cidade** / **lá** não tem mais comércio.  
 c. **O centro da cidade** não tem mais comércio.  
 d. **Você** não tem mais comércio no centro da cidade.

No segundo caso, podemos mostrar construções com verbos de alçamento, que podem exibir em lugar do expletivo nulo (4a), um elemento movido da oração encaixada, seja num tipo de alçamento padrão (descrito pelas gramáticas normativas como uma das *construções especiais com o verbo parecer*), como em (4b), seja num tipo de alçamento não reconhecido, certamente por não ter sido notado ou não ser considerado padrão<sup>4</sup>:

<sup>2</sup> Sobre a competição *ter/haver* e a mudança em favor das sentenças pessoais com *ter*, vejam-se, entre outros, Duarte (1999a); Callou e Avelar (2002), Duarte (2003), Callou e Duarte (2005) e Avelar (2006).

<sup>3</sup> Se considerarmos que o verbo *ter* não seleciona um argumento externo, **você** seria interpretado como um expletivo. Pode-se também pensar que se trata de um sujeito de referência arbitrária; neste caso, o verbo *ter* selecionaria um argumento externo.

<sup>4</sup> Bechara (1985:227) chama à atenção para estrutura semelhante em uma nota de rodapé, tratando-a exatamente como um caso de pessoalização de *parecer* e ilustrando-a com um exemplo do Marquês de Maricá: (i) Nunca nos esquecemos de nós, [<sub>ip</sub> ainda quando  $\emptyset$ , parecemos [<sub>cp</sub> que  $t_i$  mais nos ocupamos dos outros]].

- (4) a.  $\emptyset_{\text{expl}}$  Parece [que **eu** vou explodir de raiva].  
 b. **Eu**<sub>i</sub> pareço [ [t]<sub>i</sub> explodir de raiva].  
 c. **Eu**<sub>i</sub> pareço [que [t]<sub>i</sub> / **eu**<sub>i</sub> vou explodir de raiva].

Em (4c), o sujeito da encaixada pode estar nulo ou expresso, mas o relevante é que tanto o verbo da encaixada quanto o verbo da matriz estão flexionados, e, como cada argumento selecionado por um predicado só pode receber caso uma única vez, temos aí um problema a resolver (cf. Henriques (2008) para uma análise diacrônica das construções com verbos de alçamento).

Nosso interesse, longe de buscar resolver esse problema em termos teóricos<sup>5</sup>, é relacionar todas essas estruturas inovadoras à mudança em curso no PB, que envolve a tendência a projetar o especificador de IP (ou Sintagma Flexional – a posição reservada ao sujeito gramatical), realizando tal posição com um elemento foneticamente expresso. Assim, a motivação para a investigação aqui proposta provém da análise de construções com verbos de alçamento de Duarte (2007a), na qual chama a atenção a frequência, na fala popular, de estruturas com “*ser pra*” e “*dar pra*”, muito recorrentes para expressar a modalidade deôntica e epistêmica, respectivamente, como ilustram os exemplos em (5) a seguir:

- (5) a. A moça disse [que  $\emptyset_{\text{expl}}$  **era** [pra mim telefonar quinta-feira]].  
 (PEUL 2000)  
 b. [ $\emptyset_{\text{expl}}$  Não **deu** [pra *ele* ficar esperando ela sair do hospital]]  
 (PEUL 2000)

Essas novas formas de expressar a modalidade deôntica e a epistêmica permitem igualmente o *alçamento* do sujeito da oração encaixada para a posição do expletivo nulo à esquerda de “*ser*” e “*dar*”, tal como o verbo de alçamento “*parecer*” ilustrado em (4), como mostram os exemplos em (6):

<sup>5</sup> Para a análise das construções de hiperalçamento e hiperalçamento aparente, ver, entre outros, Martins e Nunes (2005; 2007). Como o PB ainda exhibe o sujeito nulo, acreditamos que a mesma análise proposta por Nunes para o sujeito da encaixada expresso poderia ser aplicada ao sujeito nulo em (c) – em ambos os casos teríamos um alçamento de tópico, a partir de uma estrutura de DE. Neste caso, em vez de um vestígio de movimento [t], poderíamos propor um pronome nulo [Ø].

- (6) a. [*Essa rua<sub>i</sub> era [pra [t<sub>i</sub>] ter sido calçada há muito tempo]*]. (PEUL 2000) (em vez de: [ $\emptyset_{\text{expl}}$  *Era [ pra essa rua ter sido calçada há muito tempo]*])
- b. [*Eles<sub>i</sub> já não davam mais [pra [t<sub>i</sub>] viver juntos]*]. (PEUL 2000) (em vez de: [ $\emptyset_{\text{expl}}$  *Não dava mais [ pra eles viverem juntos]*])

Foram essas estruturas que motivaram a tentativa de descrever as principais formas de representar a modalidade na fala espontânea e na escrita veiculada em jornais de ampla circulação, buscando responder às seguintes perguntas:

(a) até que ponto fala e escrita convergem/divergem nesse particular?

(b) as estruturas preferenciais na fala seriam formas que projetam o especificador de IP, com o sujeito preferencialmente expresso, espelhando uma mudança já observada no PB?

Nossas hipóteses eram as seguintes: (a) o elenco de formas encontradas na fala seria substancialmente diferente do encontrado na escrita, uma modalidade mais conservadora, que, de certa forma, ainda prefere o sujeito nulo, apesar de a implementação de pronomes pessoais de terceira pessoa na escrita de jornais já estar equilibrada com a ocorrência de sujeitos nulos (Duarte 2007b); e (b) entre as novas formas de expressão da modalidade na fala, seriam preferidas aquelas que permitem o preenchimento da posição do sujeito gramatical, como os verbos auxiliares, evitando-se um verbo em primeira posição, uma tendência já apontada no português brasileiro (Kato e Duarte 2003).

## 2. Fundamentação teórica e metodologia

O quadro teórico que norteia a pesquisa utiliza o modelo de estudo da mudança, tal qual explicitado em Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), no que se refere ao levantamento dos grupos de fatores que atuam na mudança, à busca de respostas sobre como um determinado traço se “implementa” e se “encaixa” no sistema linguístico e social, entre outras questões.

A teoria da linguagem utilizada para pôr em prática tal estudo da mudança é o quadro de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981). Em Duarte (1999b) fica explicitado que essa associação permite levantar hipóteses sobre a mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo e perseguir os caminhos estruturais percorridos por um processo de mudança e seu encaixamento no sistema linguístico, para tentar buscar resposta para os problemas levantados por W, L. & H, mostrando que esse quadro que se revela na expressão da modalidade não é casual, mas um subproduto de outra mudança mais ampla em curso na gramática do PB.

As amostras analisadas para a fala provêm de 12 inquéritos do projeto NURC-RJ, com quatro informantes por faixa etária (faixa 1: 25 a 35 anos; faixa 2: 36 a 55; faixa 3: acima de 56 anos), dois homens e duas mulheres. Da amostra de língua escrita, coletada pelo projeto PEUL-RJ, que compreende diferentes gêneros veiculados pela imprensa carioca, analisamos um conjunto de 32 artigos de opinião e 43 crônicas. O quadro tomado como ponto de partida provém da descrição de Moura Neves (2000) e Oliveira (2003), entre outros autores. Nesta etapa inicial da pesquisa foram focalizados os verbos auxiliares, os predicadores verbais e adjetivais, ilustrados em (1) e (2) acima. Para o tratamento dos dados, seguimos a metodologia variacionista, explicitada em Braga e Mollica (2003) e Guy e Zilles (2007).

### **3. Análise dos resultados**

Foram levantados, no conjunto, 256 dados para a fala e 199 para a escrita. Na fala, a modalidade deôntica é mais frequente (152 x 104) e a epistêmica predomina na escrita (129 x 70), o que pode se dever aos gêneros jornalísticos utilizados: a crônica e o texto de opinião.

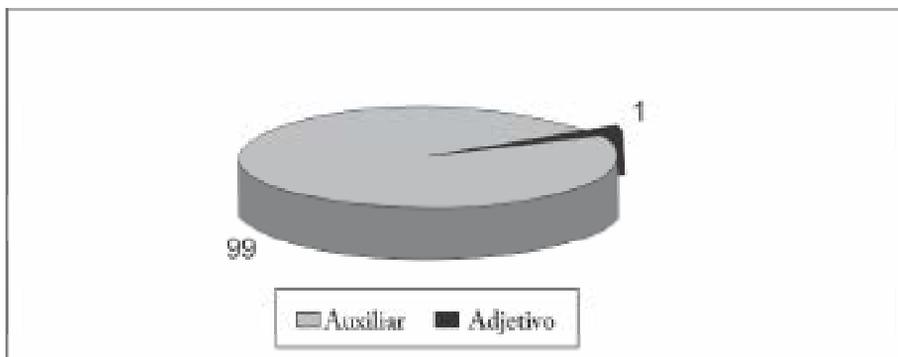
#### **3.1 A modalidade deôntica**

Para comparar fala e escrita, trabalharemos com inicialmente com as formas de expressão da modalidade deôntica: 152 dados de língua oral e 75 de escrita. Destaca-se, inicialmente, a completa ausência de predicadores verbais (ou verbos plenos, como “urge”, “cumpre”, ainda presentes nas descrições tradicionais) em ambas as modalidades; como tais predicadores implicam construções com um sujeito expletivo, temos aí uma primeira pista de que nossa hipótese pode se confirmar. Tampouco ocorreu nestas

amostras a forma inovadora com o verbo “ser” seguido da completiva infinitiva regida pela preposição “pra”, como ilustrado em (5a) e (6a) acima. Tais resultados não significam, porém, que os predicadores verbais tenham desaparecido da escrita e as construções com “ser pra” não ocorram na fala culta. De todo modo, como se pode deduzir a partir de uma análise empírica, a tendência é que, se atestadas, essas formas não se mostrarão frequentes.

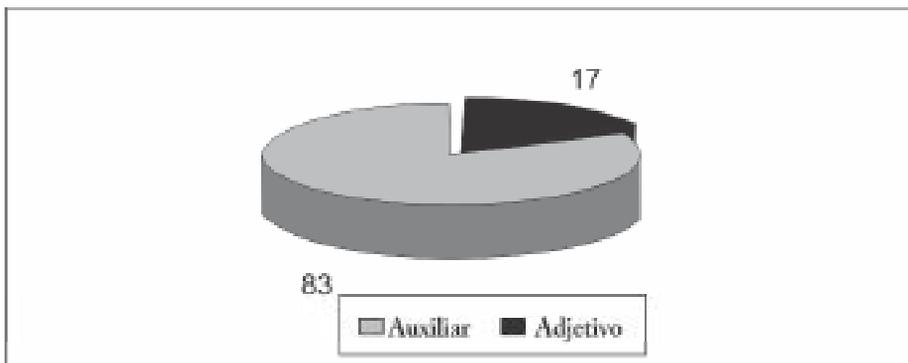
Os dois gráficos a seguir apresentam, portanto, os resultados para as estratégias atestadas para a expressão da modalidade deôntica, apontando o uso quase categórico de auxiliares (99%) e apenas 1% de adjetivos na fala culta carioca:

GRÁFICO 1. Expressão da modalidade deôntica na fala culta



Na escrita, predominam igualmente os auxiliares, ainda que em percentual mais baixo, (83%), seguidos dos predicadores adjetivais (17%), que propiciam, em geral, uma construção com expletivo nulo:

GRÁFICO 2. Expressão da modalidade deôntica na escrita



Examinemos inicialmente os auxiliares, cuja distribuição se encontra na Tabela 1 para fala e escrita. Vemos que a hierarquia é praticamente a mesma, mudando apenas a distribuição percentual. Não há dúvida de que eles representam a forma preferencial para a expressão da modalidade no PB:

TABELA 1: Auxiliares usados para expressar a modalidade deôntica.

Auxiliares	Fala	Escrita
ter que (de)	98 (65%)	18 (31%)
poder	33 (22%)	14 (24%)
dever	7 (5%)	18 (31%)
precisar	12 (8%)	8 (14%)
<b>Total</b>	<b>150 (100%)</b>	<b>58 (100%)</b>

O auxiliar preferido na fala é **ter**, usualmente seguido de **que** (que aqui funciona como uma preposição **de**), com 65% do total das ocorrências com auxiliar, seguido de longe pelo auxiliar **poder** (22%). Em índices bem inferiores, aparecem os auxiliares **dever** e **precisar**, como ilustram os exemplos em (7):

- (7) a. eu só fazia o que eu queria e Ø ainda **tinha que convencer** as pessoas a fazerem o que eu queria (Mulher, faixa 1)  
 b. hoje em dia você **não pode botar** nem a aliança. (Mulher, faixa 3)  
 c. dizem que os alérgicos não **devem comer** chocolate (mulher, faixa 3)  
 d. porque eu **precisava fazer** o estágio pra ter o diploma de técnico né (Homem, faixa 1)

A escrita mostra uma distribuição mais regular entre **ter (que)** e **dever**, com 31%, e **poder**, com 24%. O auxiliar precisar, tal como na fala, é o menos frequente, com 14% de ocorrência. Vejamos alguns exemplos em (8):

- (8) a. Mas o novo governo **tem que entender** e assumir que a questão da violência requer muito mais. (escrita)

- b. Semelhante situação **não pode** ser imputada, pura e simplesmente. (escrita)
- c. Presidente eleito ou empossado **não deve** expor-se além da conta. (escrita)
- d. Quem se mete a escrever irônica ou satiricamente **precisa** saber que nem todos têm o decodificador. (escrita)

Em relação aos predicadores adjetivais, as duas únicas ocorrências na fala (1%) foram com o adjetivo **preciso**, ilustradas em (9), enquanto na escrita os 17% correspondem 12 ocorrências, que incluem os adjetivos **preciso e necessário**, exemplificados em (10):

- (9) a.  $\emptyset_{\text{expl}}$  é **preciso** que o Rio de Janeiro tenha uma vida econômica saudável, viu (Homem-faixa 3)
- b. então  $\emptyset_{\text{expl}}$  é **preciso** que alguém, venha aqui (Mulher, faixa 3)
- (10) a.  $\emptyset_{\text{expl}}$  É **preciso** reagir enquanto é tempo. (escrita)
- b. Seu voto de Minerva é politicamente **necessário** para o governo. (escrita)

Passemos ao exame das formas de expressão da modalidade epistêmica, antes de tratar da realização do sujeito pronominal, foco principal deste trabalho.

### 3.2 A modalidade epistêmica

Para a expressão da modalidade epistêmica foram levantados 104 dados na fala e 129 na escrita, distribuídos nos dois gráficos a seguir:

GRÁFICO 3: expressão da modalidade epistêmica na fala culta (%)

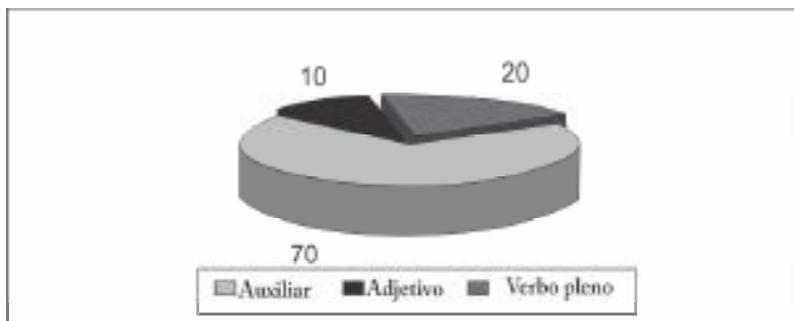
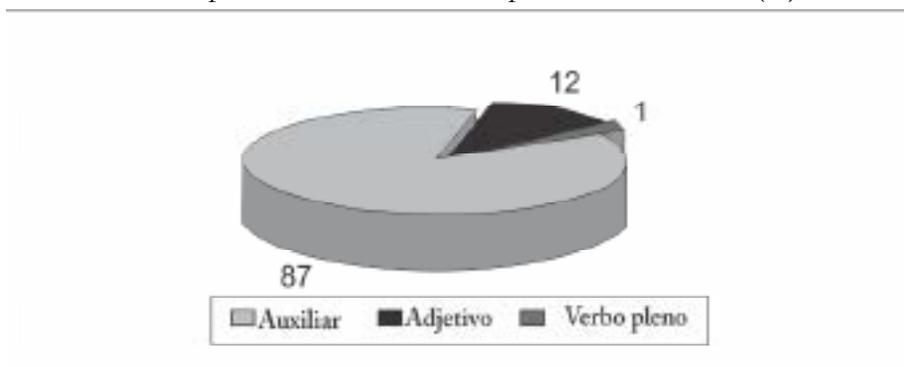


GRÁFICO 4: expressão da modalidade epistêmica na escrita (%)



Mais uma vez, os resultados confirmam a preferência por verbos auxiliares nas duas modalidades, com uma diferença curiosa: no que respeita à modalidade epistêmica, a fala é que apresenta um percentual menor de auxiliares em relação à escrita, com 70% e 87%, respectivamente. Os adjetivos e os verbos plenos são mais frequentes na fala. Começemos pelo exame dos auxiliares que ocorreram nas duas amostras, distribuídos na tabela 2:

TABELA 2: Auxiliares usados para expressar a modalidade epistêmica na fala e na escrita.

Auxiliares	Fala	Escrita
poder	61 (82%)	93 (83%)
dever	13 (18%)	19 (17%)
<b>Total</b>	<b>74 (100%)</b>	<b>112 (100%)</b>

Entre os auxiliares, “poder” é o mais frequente para a expressão da modalidade epistêmica, com percentuais praticamente idênticos de ocorrências, seguido, de longe, pelo auxiliar “dever”. Vejamos alguns exemplos em (11) e (12):

- (11) a. a qualquer momento o sindicato **podia sofrer** intervenção do governo. (Homem, faixa 2)
- b. o Rio de Janeiro **poderia continuar sendo** o centro financeiro do Brasil. (Homem, faixa 3)
- c. o menino **deve ser** louco pra comer açúcar. (Mulher, faixa 3)

- (12) a. Já houve algum ruído a respeito, e a artilharia pesada **pode entrar** em ação a qualquer momento. (escrita)
- b. Alguma sincronia **deve estar faltando** entre o presidente e a campanha de seu candidato. (escrita)
- c. A balança comercial **deverá** pelo menos repetir o saldo positivo do ano passado, com um superávit próximo de US\$ 25 bilhões. (escrita)

Quanto aos predicadores adjetivais, fala e escrita apresentam distribuição equilibrada, com 10% e 12%. Os adjetivos se restringem a “possível”, “impossível” e “capaz”. Observam-se ocorrências sem a cópula, ilustradas em (13d-e):

- (13) a. casais ou mesmo pessoas da família vivendo na mesma casa, e, não se falavam, porque na casa antiga  $\emptyset_{\text{expl}}$  era **possível** você evitar, havia mais espaço (Mulher, faixa 2)
- b. eu sou **capaz** até de, juntar as duas salas. (Mulher, faixa 2)
- c. agora, por exemplo, Física I e Cálculo,  $\emptyset_{\text{expl}}$  era, terrível né, **impossível** pegar alguém bom, e outras matérias que não tinham nada a ver com o curso. (Homem, faixa 1)
- d. era o único hotel existente na cidade, que era uma coisa, pavorosa, **impossível** de alguém ficar lá. (Mulher, faixa 3)
- e. levei (o curso) na flauta! Então, levei pau, óbvio né, levei pau porque, apesar dos professores serem ruins, você precisa ter contato, diário, com a matéria (Homem, faixa 1)

Na escrita, amplia-se o leque de adjetivos. Além de “(im)possível” e “capaz”, encontramos “(im)provável”, “evidente”, e um inesperado adjetivo “mole”, mais característico da fala, ilustrados a seguir:

- (14) a. A lavagem de dinheiro é também **possível**. (escrita)
- b. Se não o faz,  $\emptyset_{\text{expl}}$  é **capaz** de existir mesmo o tal conluio, e na reta final da próxima semana tudo pode acontecer, até uma campanha de alto nível como a do primeiro turno, prevalecendo o clima de 94 e 98, não o de 89. Mas  $\emptyset_{\text{expl}}$  é **improvável**. (escrita)

- c.  $\emptyset_{\text{expl}}$  É **evidente** que, paralelamente, deveriam ser revistos os códigos processuais. (escrita)
- d.  $\emptyset_{\text{expl}}$  Não é **mole** ter que defender o custo Brasil, o risco Brasil, a sociologia do FhC, que pertence a uma velha conjunção de forças. (escrita)

Finalmente, deve-se ressaltar que o único verbo pleno nas duas amostras é o modal “dar” seguido de uma reduzida regida pela preposição “pra” (cf. (5b) e (6b)). Embora mais frequente na fala (10 ocorrências ilustradas em (15)), a estrutura já aparece nas crônicas (duas ocorrências), um gênero mais informal, que facilita a implementação de formas inovadoras, como se vê em (16), em que “dar pra” ocorre numa mesma sequência com seu sinônimo, o adjetivo “possível”:

- (15) a. então  $\emptyset_{\text{expl}}$  **não dá [pra** ter uma referência, mas, Brasília é uma cidade muito mais, organizada (Homem, faixa 1)
- b. aí eu, larguei a multinacional porque eu vi que não tava,  $\emptyset_{\text{expl}}$  **não dava [pra** concluir as duas coisas né] (Homem, faixa 1)
- c. e as casas eram muito generosas de espaço,  $\emptyset_{\text{expl}}$  **dava [pra** você fazer, festas, né],  $\emptyset_{\text{expl}}$  **dava [pra** você reunir em grandes almoços]... (Mulher, faixa 2)
- (16) a. Mas, como numa crítica teatral, quando  $\emptyset_{\text{expl}}$  **não dá [para** pichar a peça] sempre é **possível** baixar o porrete no elenco. (escrita)
- b.  $\emptyset_{\text{expl}}$  **Dá [pra** se divertir com um histórico desses]? (escrita)

#### 4. Sobre a realização do sujeito

No que se refere à realização do sujeito pronominal, consideramos entre os sujeitos expressos, não só os pronominais de referência definida e arbitrária, mas aqueles representados por SNs lexicais, pronomes relativos e o demonstrativo neutro (*isso*). Os nulos foram analisados separadamente, contemplando os de referência definida, arbitrária e os não referenciais. As tabelas relativas à expressão das duas formas de modalidade aparecem a seguir:

TABELA 3: A representação dos sujeitos em estruturas que veiculam a modalidade deôntica na fala e na escrita.

A representação dos sujeitos	Fala	Escrita
expressos	101 (67%)	38 (54%)
nulos referenciais definidos	20 (13%)	24 (34%)
nulos referenciais arbitrários	26 (17%)	-
nulos não referenciais (expletivos)	5 (3%)	8 (12%)
<b>Total</b>	<b>152 (100%)</b>	<b>70 (100%)</b>

TABELA 4: A representação dos sujeitos em estruturas que veiculam a modalidade epistêmica na fala e na escrita.

A representação dos sujeitos	Fala	Escrita
expressos	49 (47%)	78 (61%)
nulos referenciais definidos	11 (11%)	21 (16%)
nulos referenciais arbitrários	5 (4%)	-
nulos não referenciais (expletivos)	39 (36%)	30 (23%)
<b>Total</b>	<b>104 (100%)</b>	<b>129 (100%)</b>

As estruturas com o sujeito preenchido superam as de sujeito nulo, tanto na fala (47%) quanto na escrita. Chama a atenção o fato de o índice de sujeitos expressos na escrita superar o da fala, o que pode contradizer pesquisas sobre a perda do sujeito nulo referencial no PB. Observe-se, no entanto, que o índice de nulos definidos é mais baixo na fala. É justamente na diferença encontrada para os nulos não definidos que se encontram os resultados mais interessantes: os nulos de referência arbitrária e os nulos não referenciais. Os primeiros, atestados apenas na fala e com índice de 4%, correspondem a apenas 5 ocorrências ilustradas em (17a-c), para a expressão da modalidade deôntica, e em (17d-e), para a expressão da modalidade epistêmica:

- (17) a. eu acho que  $\emptyset_{arb}$  **tem que mobilizar** essas pessoas mesmo sabe (Homem, faixa 1)
- b.  $\emptyset_{arb}$  não pode **entrar** de sapato,  $\emptyset_{arb}$  fica de meia, (Mulher, faixa 1)

- c. hoje  $\emptyset_{arb}$  **precisa ter** grade, né, pro portão, pra não entrar assaltante, (Homem, faixa 3)
- d.  $\emptyset_{arb}$  **não devia de ter** higiene nenhuma mas ninguém tinha doença, não tinha essas, doenças pavorosas que existem hoje. (Mulher, faixa 3)
- e.  $\emptyset_{arb}$  **pode** às vezes pôr também uma latinha de *petit-pois*, que fica muito gostoso, e uma de palmito em lata, pra enriquecer. (Mulher, faixa 3)

A fala, em geral, prefere os pronomes *você* e *a gente* para representar os sujeitos de referência arbitrária, enquanto a escrita recupera o clítico “se” indefinido e o pronome “nós, ambos ausentes da língua oral (cf. Duarte 2007b).

Quanto aos nulos não referenciais (ou expletivos nulos), observa-se que são eles os responsáveis pelos altos índices de nulos na língua oral e que a estrutura responsável pelos 36% de expletivos nulos na fala é a expressiva ocorrência de “dar pra” (21 dados), já ilustrada em (15) acima; os 18 dados restantes aparecem em construções com verbos auxiliares e adjetivos. Os adjetivos aparecem em (13) acima e os auxiliares, seguidos de verbos impessoais, são ilustrados em (18) a seguir:

- (18) a.  $\emptyset_{expl}$  **pode haver** uma opinião aqui mas no final prevalece a opinião (Homem, faixa 2)
- b.  $\emptyset_{expl}$  **deve ter** algum problema na integração da varanda. (Mulher, faixa 2)
- c. ah isso é eventos né, diversos;  $\emptyset_{expl}$  **podem ser** reuniões, informais,  $\emptyset_{expl}$  **podem ser** reuniões, até, sociais, também, batizado, casamento... (Homem, faixa 3)

Para a expressão da modalidade deôntica, a ocorrência de expletivos nulos é pouco significativa, com 3% na fala e 12% na escrita, e se apresentam particularmente com predicados adjetivais, como mostram os exemplos em (9) e (10) acima.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho permite concluir que (a) tanto a modalidade deôntica quanto a epistêmica são expressas preferencialmente por verbos auxiliares, (b) que o auxiliar “ter que” é prototípico para expressar a modalidade deôntica e o auxiliar “poder”, a epistêmica; (c) os predicadores adjetivais, que favorecem o expletivo nulo, são bem menos frequentes em ambas as modalidades; (d) os predicadores verbais são de ocorrência muito baixa, o que pode ser constatado na sua completa ausência na amostra de escrita aqui analisada. Destaca-se, entretanto, na amostra de língua oral, a implementação de estruturas com “dar pra”, cumprindo a função de veicular a modalidade epistêmica, o que sustenta a ocorrência de expletivos nulos<sup>6</sup>. Não foram atestados outros predicadores verbais.

Quanto à expectativa de encontrar preferencialmente estruturas com a projeção da posição de sujeito, podemos dizer que ela se confirma, ainda que não se possa ignorar a ocorrência do sujeito nulo de referência arbitrária (cf. exemplos em (17)). E, mesmo nas ocorrências de expletivos nulos, deve-se mencionar uma tendência a ocupar a primeira posição com algum elemento referencial, como mostram os três dados com um predicador adjetival a seguir:

- (19) a. casais ou mesmo pessoas da família vivendo na mesma casa, e, não se falavam, porque na casa antiga  $\emptyset_{\text{expl}}$  era **possível** você evitar, havia mais espaço (Mulher, faixa 2)
- b. se bem que a Barra da Tijuca  $\emptyset_{\text{expl}}$  (é) **capaz** de vir uma outra sociedade que a gente não sabe né. (Mulher, faixa 2)
- c. e hoje em dia você<sub>i</sub> sem carro  $\emptyset_{\text{expl}}$  fica muito **difícil** [pra  $t_i$  poder sair]. (Mulher, faixa 3)

Observe-se que à esquerda do predicador adjetival aparece um SP locativo em (19a) um SN também com valor adverbial em (19b) e, finalmente, um “você”, com referência arbitrária, movido da posição de sujeito da oração subordinada em destaque.

<sup>6</sup> Duarte (2007a) mostra que a fala já apresenta com frequência o alçamento do sujeito da oração subordinada para a posição de sujeito (disponível) nas construções com “dar pra”, evitando o expletivo nulo:

A gente<sub>i</sub> [ já não dava mais [pra [  $t_i$  viver junto].

Os resultados permitem algumas reflexões sobre o “encaixamento” da mudança nos termos de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). Os autores chamam à atenção do pesquisador para o fato de que um novo traço não se instala no sistema sem deixar vestígios ou efeitos colaterais. Nos termos de Tarallo (1993), as mudanças ecoam em teias e cabe ao pesquisador atento não deixar que passem despercebidas. Impossível não relacionar as inovações na expressão da modalidade a um quadro de mudanças mais amplo que afeta a representação do sujeito pronominal no português brasileiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELAR, Juanito O. *Gramática, competição e padrões de variação: casos com ter/haver e de/em no português brasileiro*. *Revista de Estudos da Linguagem*, 4, 99-144. 2006.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa - Cursos de 1º e 2º graus*. São Paulo: Ed. Nacional . 1985.

CALLOU, Dinah & AVELAR, Juanito. *Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil*. *Gragoatá* 9. 85-114. 2002.

CALLOU, Dinah & DUARTE, M. Eugênia L. A fixação do verbo *ter* em contextos existenciais. *Actas do 20º Encontro da APL*, APL, Lisboa, pp. 149-156. 2005.

CHOMSKY, Noam. 1981. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.

CAVALCANTE, Sílvia R. O sujeito nulo de referência indeterminada na fala culta carioca. *Revista Diadorim* 2,63-81. 2007.

DUARTE, M. Eugênia L. *A Perda do Princípio “Evite Pronome” no Português do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1995.

\_\_\_\_\_. A Sociolinguística Paramétrica: perspectivas. In: Hora, D. & Christiano, E. ((Orgs.) *Estudos Linguísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Idéia. 1999a, 107-114.

\_\_\_\_\_. Sociolinguística e Teoria de Princípios e Parâmetros. In: S. Bernardo & V. Menezes (orgs.) *Estudos da Linguagem: Renovação e Síntese – Anais do VIII Congresso da ASSEL-Rio.*, .803-810. 1999b.

\_\_\_\_\_. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: Roncarati, C. & Abraçado, J. (Orgs.) *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história.* Rio de Janeiro: 7Letras. 2003. p. 123-131.

\_\_\_\_\_. Sobre outros frutos de um “projeto herético”: o sujeito expletivo e as construções de alçamento. In: Castilho, A.; M. A. Torres Morais; Ruth Lopes & Sônia Cyrino (orgs) *Descrição história e aquisição na história do português brasileiro.* Campinas: Pontes. 2007a. p. 35-48.

\_\_\_\_\_. Sujeitos de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão. *Revista Linguística – Revista do Programa de Pós-graduação em Linguística*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 89-115, 2007b.

GUY, Gregory. & ZILLES, Ana M. S. *Sociolinguística Quantitativa – instrumental de análise.* São Paulo: Parábola, 2007.

HENRIQUES, Fernando P. *Construções com verbos de alçamento: um estudo diacrônico.* Dissertação de Mestrado, UFRJ. 2008.

KATO, Mary A. & Eugênia. L. DUARTE. Semantic and phonological constraints on the distribution of null subjects in Brazilian Portuguese. Comunicação apresentada no NWAV(E) 32, Philadelphia, USA. 2003.

MARTINS, Ana M. & NUNES, Jairo. “Raising issues in Brazilian and European Portuguese”. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, p. 53-77. 2005.

\_\_\_\_\_. Apparent Hyper-raising in Brazilian Portuguese: Base Generation of Topics and Long Distance Agreement. In: E. Phoebos Panagiotidis. (Org.). *Edges in Syntax* (título provisório): Oxford University Press, 2007.

MOLLICA, C.; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística.* São Paulo: Contexto, 2003.

NEVES, M. Helena de M. Gramática de usos do português. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Fátima. Modalidade e Modo. In: MATEUS et alii (orgs.) Gramática da Língua Portuguesa. Lisboa: Caminho Ed. 243-274. 2003.

ROCHA LIMA, C. Henrique da. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1997 [1957].

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: Roberts, Ian & Mary A. Kato (eds.) Português Brasileiro: uma viagem diacrônica. 1993. 69-105.

WEINREICH, Uriel; William LABOV & Marvin HERZOG. Empirical foundations for a theory of language change. Em Lehman, W & Malkiel, Y (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 97-195.1968.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. (Tradução de Marcos Bagno, com prefácio de Carlos Alberto Faraco e posfácio de M. Conceição de Paiva e M. Eugênia Duarte.) São Paulo: Parábola Editorial. 2006.

Amostra NURC-RJ: [www.lettras.ufrj.br/nurc-rj](http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj).

Amostra PEUL-RJ: [www.lettras.ufrj.br/peul](http://www.lettras.ufrj.br/peul).